

Seleção de tenistas brasileiros talentosos

Selection of Brazilian talented tennis players

PACHARONI R, UEZU R, MASSA M. Seleção de tenistas brasileiros talentosos. **R. bras. Ci. e Mov** 2009;17(4):55-63.

Rafael Pacharoni¹
Rudney Uezu²
Marcelo Massa¹

¹EACH/USP
²Universidade Mackenzie
Presbiteriana

RESUMO: Caracterizado como esporte de alto rendimento, o tênis vive uma fase em que há um notável aumento de tenistas juvenis competitivos. Todavia, não se conhecem os fatores que contribuem para o desenvolvimento do talento na modalidade até o profissionalismo. Assim sendo, o objetivo do presente estudo foi verificar e analisar o processo de iniciação esportiva de tenistas brasileiros talentosos e os consequentes fatores que contribuíram para o alcance do profissionalismo e obter informações a respeito das atribuições ao talento “tenístico” e o início de seu destaque no circuito. Para tanto se utilizou uma amostra de cinco tenistas brasileiros profissionais, caracterizados por terem pontos na ATP (Associação dos Tenistas Profissionais). A pesquisa foi constituída através de um delineamento qualitativo, que utilizou como instrumento uma entrevista composta por quatro perguntas abertas, elaboradas para explorar o contexto de desenvolvimento do talento no tênis. Para a análise dos resultados foi utilizado o “Discurso do Sujeito Coletivo”. Ao analisar as respostas atribuídas para cada questão, pode-se observar a ausência de programas nacionais de desenvolvimento esportivo. Contudo, foi possível verificar que os clubes aparecem como microssistemas capazes de gerar um ambiente favorável para o desenvolvimento do talento no tênis. No que se diz respeito aos aspectos psicossociais, o presente estudo corrobora com a literatura, no qual fatores como o apoio da família, o gosto pela prática e a determinação dos tenistas exerceram papel fundamental no processo de desenvolvimento do tenista brasileiro talentoso.

Palavras-chave: Tênis; Talento esportivo; Desenvolvimento do talento.

ABSTRACT: Defined as a high performance Sport, tennis is in a stage in which there is a considerable increase of the competitive young tennis players. However, it is not known the facts which contribute for the talent development in the modality as far as its professionalism. Therefore, the aim of this present study is to verify and analyze the process of the sporting initiation of talented Brazilians tennis players and the consequent factors that contributed for the professionalism achievement and to obtain information about the attributions for the tennis talent and the beginning of its distinction in the circuit. For the development of this study a sample of five professional Brazilian tennis players was used and they all have point in ATP (Association of Tennis Professionals). The research was done through a qualitative outline which used a four-open-question interview as a tool. The questions were elaborated to explore the context of the talent development in tennis. The “Discurso do Sujeito Coletivo” was used for the analysis of the results. Through the analysis of the given answers for each question, it was possible to observe the lack of national programs in sport development. However, it was possible to verify that the clubs appear as Microsystems and they are able to generate a favorable environment for the talent development in tennis. Concerning the psychosocial aspects, the present study confirms the literature in which facts like family support, practice liking and the determination of the tennis player carry out a fundamental role in the process of the talented Brazilian tennis player development.

Key Words: Tennis; Sport talent; Talent development.

Recebido em: 06/08/2009
Aceito em: 28/05/2010

Contato: Rafael Pacharoni - pacharoni_rp@yahoo.com.br

Introdução

Caracterizado como esporte de alto rendimento²⁰, o tênis é um fenômeno sócio-cultural que tem como objetivo o desempenho máximo, visando o resultado e, conseqüentemente, ocupa-se em buscar e revelar talentos para tal.

Ao final do século passado à prática do Tênis teve um acréscimo expressivo no Brasil². Não obstante, Vasconcellos²⁰ afirma que há um notável aumento de tenistas juvenis competitivos, porém, o caminho até o profissionalismo é longo e árduo, tendo como resultado a quantidade de ótimos tenistas juvenis que não alcançam o profissionalismo.

Concomitantemente surgiu a problemática desta pesquisa com relação ao processo de desenvolvimento desses talentos esportivos que chegaram ao profissionalismo. Colaborando com tal interesse alguns estudos^{2,4,7,8} apresentam dados que demonstram que o sucesso nas primeiras etapas do treinamento não está relacionado ao êxito posterior.

Neste sentido, Bergamo⁴ e Colantonio¹⁰ ressaltam os diferentes momentos de maturação entre os atletas, no qual se pode perder um talento esportivo por desconsiderar as relações entre o desempenho esportivo e a idade biológica deste.

Para Coutinho⁹ os dados acima estão relacionados aos processos de treinamento e suas aplicações as diversas fases de desenvolvimento, de treino e de seleção do talento. De encontro a tal colocação, algumas pesquisas têm analisado o desenvolvimento de talentos esportivos^{15,17} porém há uma carência de estudos acerca da trajetória de tenistas brasileiros talentosos e sua relação com os modelos de seleção do talento. Ratificando esta perspectiva, Maia *apud* Uezu *et al.*¹⁹, discutiu a dificuldade da predição do desempenho esportivo futuro, uma vez que os estudos utilizam uma visão reducionista do desempenho esportivo. Desta forma, o autor sugere a necessidade de estudos que utilizem procedimentos metodológicos multivariados; pois o diagnóstico da aptidão é considerado o principal problema da detecção de talentos esportivos⁶.

Ainda de acordo com Coutinho⁹, além da carência de estudos sobre a detecção e o desenvolvimento do tenista talentoso, existe ainda um ceticismo por parte daqueles que em geral passam mais tempo no “terreno”, resultando na não operacionalização dos estudos acadêmicos. Corroborando, Massa¹⁵ afirma que a falta de padrão ou qualquer procedimento fundamentado faz com que a seleção desses talentos ainda esteja relacionada à consciência empírica de cada técnico, resultando naqueles que são chamados de “*experts*”, possuidores de um grande conhecimento sobre a modalidade esportiva que atuam, ou então, naqueles que realizam intervenções simples, com um fim em si próprio e conseqüentemente perigoso, pois é suscetível a interpretações equivocadas.

Não obstante, alguns estudos^{1,17,15} apresentam dados que relacionam a seleção de talentos com a aptidão física-motora, valores antropométricos, fatores motivacionais, ambientais e tempo de prática.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivos verificar e analisar o processo de iniciação esportiva de tenistas brasileiros talentosos, os consequentes fatores que contribuíram para o alcance do profissionalismo e obter informações a respeito das atribuições ao talento “tenístico” e o início de seu destaque no circuito.

Materiais e métodos

O presente projeto de pesquisa é descritivo e de natureza qualitativa, onde buscou-se verificar os critérios adotados na seleção de talentos esportivos no tênis masculino.

Para tanto, a amostra foi composta intencionalmente por cinco tenistas profissionais, caracterizados por terem pontos na ATP (Associação dos Tenistas Profissionais), todos do sexo masculino, com idade entre 18 e 30 anos. Neste sentido, o projeto seguiu as normas referentes ao Comitê de Ética em Pesquisa da UPM (CEP/UPM nº 1091/10), sendo que os atletas envolvidos tomaram conhecimento dos documentos relacionados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Carta de Informação ao Sujeito de Pesquisa para a participação no estudo.

Com o objetivo de verificar quais os critérios utilizados na seleção de atletas no tênis masculino, foi utilizado como instrumento de pesquisa o método do “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), Lefèvre e Lefèvre¹⁴. O DSC permitiu uma abordagem qualitativa acerca do processo de desenvolvimento do talento. Conforme Lefèvre e Lefèvre¹⁴, o pensamento é algo essencialmente discursivo e só poderá ser obtido numa escala coletiva a partir de perguntas abertas elaboradas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, que produzam discursos. Neste sentido, a questão fechada é insuficiente diante dessa perspectiva, pois não enseja a expressão de um pensamento, mas a expressão de uma adesão (forçada) a um pensamento preexistente.

Desta maneira, de acordo com discursos individuais obtidos através da técnica de entrevista estruturada, pretendeu-se construir metodologicamente a expressão do pensamento coletivo (DSC).

Assim, foi utilizado um roteiro de entrevista composto por cinco perguntas:

1. Há quanto tempo você pratica tênis? Com qual idade você iniciou?
2. Você pode me contar como foi o seu começo no tênis?
3. No começo da sua formação você acha que se

destacava dos demais praticantes do tênis?

4. A que você atribui o teu talento para o tênis?

Os depoimentos foram gravados em um gravador digital e, posteriormente, transcritos de modo a recuperar a integridade dos mesmos, servindo de matéria prima para a construção dos DSC.

Resultados

Os resultados deste estudo serão apresentados de acordo com os objetivos definidos para cada pergunta da entrevista. Das respostas de cada pergunta, foram retiradas as idéias centrais (IC's) as quais possibilitaram a construção dos Discursos do Sujeito Coletivo (DSC's), que neste caso representam os resultados da pesquisa.

Os próximos tópicos apresentados serão intitulados com o objetivo proposto em cada pergunta. Com base nas IC's retiradas de cada questão, os resultados (DSC's) serão apresentados e discutidos no mesmo tópico de acordo com o embasamento teórico apresentado.

Idade de iniciação e tempo de prática

A idade de iniciação em uma determinada modalidade esportiva é um tema bastante discutido na área da ciência do esporte¹⁵. Neste sentido, a tabela 1 aponta as IC's destacadas na ECH's das respostas para a pergunta – Há quanto tempo você pratica tênis? Com qual idade você iniciou e com que frequência elas apareceram?

Tabela 1. Tempo de prática e com qual idade iniciou a praticar

	IC	Frequência	%
A	Pratica tênis há mais de 10 anos	5	100
B	Início com 5 ou 6 anos de idade.	3	60
C	Início com 10 anos.	1	20
D	Início com 8 anos	1	20

Conforme as respostas na íntegra e as IC's captadas (Tabela 1) para as somas dos discursos, seguem abaixo os DSCs construídos (1, 2, 3 e 4) para cada IC:

DSC1: IC-A- Prática tênis há mais de 10 anos (S1, S2, S3, S4, S5)

“Eu pratico tênis a mais de 10 anos”.

DSC2: IC-B- Início com 5 ou 6 anos de idade (S1, S4, S5)

“Eu comecei com 5 pra 6 anos de idade”.

Tabela 1.1. Idade de iniciação e tempo de prática de tenistas Brasileiros Talentosos

	Idade de iniciação (anos)	Tempo de prática (anos)
S1	5	18
S2	10	20
S3	8	14
S4	6	12
S5	6	16
Média	7	16
DP	2,5	4

DSC3: IC-C- Início com 10 anos (S2)

Observação: O discurso abaixo se refere exclusivamente ao sujeito S7, pois apenas ele apresentou a IC *início com 10 anos*, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

“Eu comecei a jogar tênis com 10 anos”.

8 anos, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

“Eu comecei com 8 anos de idade”.

Como iniciou na modalidade

No sentido de verificar o processo de iniciação no tênis é que foi formulada a pergunta - Você pode me contar como foi o seu começo no tênis?-. A tabela 2 aponta as IC's destacadas na ECH's das respostas e com que frequência elas aparecem.

Tabela 2. Como iniciou na modalidade

	IC	Frequência	%
A	Apoio da família	4	80
B	Início no clube.	4	80
C	Gosto pelo esporte, diversão.	5	100
D	Acompanhava o irmão	3	60
E	Influência dos amigos.	1	20

Conforme as respostas na íntegra e as IC's captadas (Tabela 2) para as somas dos discursos, seguem abaixo os DSCs contruídos (1, 2, 3, 4 e 5) para cada IC:

DSC1: IC-A- Apoio da família (S1, S2, S3, S4)

“Eu comecei a jogar tênis por causa da família que já jogava, mais diretamente por influência do meu pai quando eu o acompanhava e ele me incentivava”.

DSC2: IC-B- Início no clube (S1, S2, S3, S5)

“Você quer ir pro clube para se divertir ou porque seu pai faz com que você vá ao clube e aí eu comecei a jogar tênis”.

DSC3: IC- C- Gosto pelo esporte, diversão (S1, S2, S3, S4, S5)

“Comecei a jogar mais por diversão. Aí comecei a gostar do esporte, pegar gosto pelo esporte, e continuei porque eu gostava”.

DSC4: IC-D- Acompanhava o irmão (S2, S3, S4)

“Quando eu comecei eu jogava junto com meu irmão também e até faltava no colégio para ver meu irmão treinar”.

SC5: IC-E- Influência dos amigos (S5)

Observação: O discurso abaixo refere-se exclusivamente ao sujeito S7, pois apenas ele apresentou a IC *influência dos amigos*, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

“Comecei a jogar com os amigos”.

Talento Precoce

Em relação ao presente estudo, diante da possibilidade de observar a manifestação do talento em

tenistas brasileiros profissionais, é que foi elaborada a pergunta: - No começo da sua formação você acha que se destacava dos demais praticantes do tênis? -. Neste sentido, em relação a citada pergunta, a tabela 3 aponta as IC's destacadas na ECH's das respostas, a frequência de respostas e o percentual referente a cada IC.

Tabela 3. Talento Precoce

	IC	Frequência	%
A	Tinha destaque, mas não era Top.	3	60
B	Tinha facilidade.	2	40
C	Gostava de treinar e competir	3	60
D	Não me destacava	1	20
E	Alternância	1	20

Conforme as respostas na íntegra e as IC's captadas (Tabela 3) para as somas dos discursos, seguem abaixo os DSCs contruídos (1, 2, 3, 4 e 5) para cada IC:

DSC1: IC-A- Tinha destaque, mas não era Top (S1, S2, S5)

“Na época eu não achava muito, mas me destacava de alguns sim, mas não era Top. No começo eu ganhava alguns jogos, de alguns caras, mas perdia dos primeiros do ranking”.

DSC2: IC-B- Tinha facilidade (S1, S2)

“Eu pegava a raquete para brincar e acabava treinando com o pessoal. Os caras ficavam espantados com o jeito que eu jogava. Tinha facilidade, por exemplo, na direita”.

DSC3: IC-C- Gostava de treinar e competir (S1, S2, S3)

“Nesse meio tempo fui treinando pra valer, disputando e quando eu comecei a melhorar, comecei a passar por cima de todo mundo”.

DSC4: IC-D- Não me destacava (S3)

Observação: o discurso abaixo se refere exclusivamente ao sujeito S7, pois apenas ele apresentou a IC *não me destacava*, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

“Não me destaca por nada assim, só pela ruindade, porque eu era muito ruim”.

DSC5: IC-E- Alternância (S4)

Observação: o discurso abaixo se refere exclusivamente ao sujeito S7, pois apenas ele apresentou a IC *no início sim, depois não, e novamente me destaquei no final*, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

No começo sim, na época que eu tinha 8 anos, já estava com um pouco de destaque; aí depois que não me destaquei tanto e voltei a me destacar mais no final.

Atribuições ao talento “tenístico”

Com base na discussão sobre a natureza do talento, é que foi elaborada a pergunta – A que você atribui o teu talento para o tênis? Sendo assim, a tabela 4 aponta as IC's destacadas na ECH's das respostas, a frequência de respostas e o percentual referente a cada IC.

Tabela 4. Atribuições ao talento “tenístico”

	IC	Frequência	%
A	Trabalho, prática e treinamento.	3	60
B	Forças de apoio.	2	40
C	Deus, dom.	2	40

Conforme as respostas na íntegra e as IC's captadas (Tabela 4) para as somas dos discursos, seguem abaixo os DSCs contruídos (1, 2 e 3) para cada IC:

DSC1: IC - A- Trabalho, prática e treinamento (S1, S3, S4)

“O meu talento posso dizer que vem dos treinos, de bastante trabalho. Eu acho que não existe talento sem treino, acho que todo mundo tem que treinar, jogar as partidas. Ninguém chega lá sem treinar. É trabalhando duro, fazendo as coisas do jeito que tem que fazer, se sacrificando e dando tudo de mim nos treinos e nos jogos”.

DSC2: IC- B- Forças de apoio (S1, S4)

“Além do meu pai me dar força, me ensinar a gostar, acho que eu comecei a jogar bem porque eu sempre escutei muito meus técnicos e tentava fazer aquilo que eles mandavam na quadra”.

DSC3: IC- C- Deus, dom (S2, S5)

“Acho que talento vem de Deus; Deus é quem realmente da talento; Acho que já nasci com dom. Acho que Deus falou “esse cara vai nascer e já vou dar um talento especial pro esporte”.

Discussão

Acerca da idade de iniciação e do tempo de prática de tenistas brasileiros profissionais, pode-se verificar nas tabelas 1 e 1.1 as idades individuais de iniciação na modalidade e o tempo de prática acumulado para cada tenista até o presente estudo. São apresentados também, em função da natureza dos dados obtidos, os valores de média e desvio padrão da amostra para idade de iniciação e tempo de prática.

A tabela 1, comprova a proposta do treinamento a longo prazo discutido por alguns autores,^{4,5,8,10,15} no qual todos os atletas praticam tênis a mais de 10 anos. Ademais a mesma tabela vai ao encontro da primeira fase do treinamento desportivo para tenistas do sexo masculino proposto por Cafruni *et al.*⁸, no qual todos os atletas iniciaram na modalidade com idades entre 5 e 10 anos (ver tabela 1.1), com a média de idade sendo $7 \pm 2,5$ anos, e a proposta do autor refere-se a 6 e 12 anos.

Portanto, nota-se a importância do tempo de prática desportiva e o cuidado que devemos ter com o período entre a iniciação desportiva e o desporto de alto rendimento, para que, futuramente, o atleta alcance e se estabeleça como profissional^{2,5,8,15}. Vale ressaltar que, os casos de iniciação em idades muito precoces, ou seja, entre cinco e seis anos de idade, devem ser vistos com cautela se associados a uma especialização esportiva unilateral precoce¹⁵. Visto, uma das limitações do presente estudo é a necessidade de dados que nos permitam saber se a iniciação destes tenistas foi realizada de maneira precoce ou diversificada. Não só, sabe-se que o tênis é uma das modalidades dentre as quais os rankings e as competições formais começam de maneira mais tardia, com idades entre 10 e 12 anos. Tal informação corrobora com a discussão acima, no sentido de parecer não haver motivos para uma especialização precoce.

Por sua vez, de acordo com a tabela 2, pode-se verificar como relevante a importância da família (80%) no processo de aproximação dos tenistas a modalidade. Ademais, fatores como início no clube (80%) e gosto pelo esporte, diversão (100%) aparecem como fatores significativos para o início da prática do tênis. Nota-se também, a importância dos irmãos que já jogavam tênis (60%) e o conseqüente acompanhamento da modalidade. Fatores como influência dos amigos também (20%) puderam ser notados.

Quanto ao DSC1 (apoio da família), tal resultado vai de encontro ao estudo realizado por Massa¹⁵, no qual foi possível verificar o impacto positivo que a estrutura familiar pode provocar na adesão da criança ao processo de iniciação na modalidade. Não só, o DSC4 (acompanhava o irmão que jogava) vem mostrar-se uma significativa estrutura neste processo de iniciação. Corroborando, Massa¹⁵ lembra que o simples fato de encontrar reforço familiar dando apoio adequado e até participando como praticantes da modalidade (ex.: pais, tios, irmãos) parece ter sido fundamental para o processo de iniciação de judocas.

Por sua vez o DSC3 (gosto pelo esporte, diversão) aparece como fator determinante na adesão ao tênis. Massa¹⁵ cita que a família exerce papel fundamental não somente na aproximação da modalidade, mas sobretudo, na geração de um sentimento de prazer pela prática (gostar) e, quando há prazer envolvido, pode-se inferir sobre o alto grau de probabilidade de a criança continuar na atividade. O DSC5 (influências dos amigos) ainda que pouco citado, pode ser comparado as estruturas e influências acima citadas.

Ao contrário do estudo de Massa¹⁵, o DSC2 (início no clube) aparece também como fator significativo no processo de adesão a modalidade em questão. Pode-se notar no discurso em questão, que a ida ao clube está diretamente relacionada as estruturas acima citadas, como apoio familiar e diversão. Aproveitando tais influências, o clube aparece como grande ferramenta no processo de desenvolvimento do talento esportivo, pois além de ser um agente formador de vínculos sociais, possui, em sua maioria uma estrutura favorável a iniciação esportiva geral, fornecendo ao atleta a possibilidade de experimentar as mais diversas modalidades, para que em um segundo momento este possa participar de um treinamento específico e sistematizado. Ademais, o clube fornece aos desportistas algo que a maioria das academias, dos grandes centros, não podem oferecer, que é o período pós-treino; no qual nos clubes as crianças podem sair de sua aula e continuar se divertindo na quadra ao lado, enquanto nas academias, isto não ocorreria devido a sua estrutura reduzida e otimizada. Não

só, nota-se que estruturas como escolas e centros esportivos públicos, não são citadas durante os discursos; uma explicação cabível seria o difícil acesso a modalidade, muitas vezes por limitações financeiras, outras por aspectos físicos (onde praticar). Com base no discutido, ressalta-se que o clube aparece como principal estrutura esportiva para o desenvolvimento do tenista talentoso.

Visto, com base nos resultados dos DSCs apresentados, pode-se verificar na tabela 3, que a maioria dos tenistas tinha destaque, mas não eram jogadores TOP (60%), ao tempo que um não se destacava (20%), mas foram treinando e disputando cada vez mais e conseqüentemente melhorando (60%); dois tenistas afirmaram que tinham facilidade (40%); dos quais um tenista afirmou se destacar no início, depois não, e novamente no final de destacou (20%).

Os DSCs 1 e 2 representam a realidade empírica do âmbito tenístico, no qual, casos como o de Gustavo Kuerten demonstram que este, sempre teve facilidade para a prática do tênis, porém, nunca foi um dos destaques principais durante o período de formação, sobretudo, se nos basearmos em rankings. Juntamente a esta discussão podemos inserir outros dois discursos (3 e 4), que reafirmam a falta de destaque nas competições iniciais, mas que demonstram um gosto pelo treinar e competir. Tais observações vão de encontro ao estudo realizado por Massa¹⁵ no qual os judocas olímpicos não se destacavam de forma relevante nas primeiras fases do treinamento esportivo, havendo alguns com extremo receio, por exemplo, de cair, acontecimento presente na modalidade. Ademais o autor trata em seu estudo o prazer pela competição, confirmando a idéia de que antes de vencer o prazeroso era competir. Esta manifestação em tenistas e judocas vai de encontro a alguns estudos^{2,4,6,7,8,10,12,15} na medida em que a precocidade parece não ser um sinal confiável para a predição do talento, e que o talento pode ser desenvolvido em um processo gradativo e duradouro onde o prazer pela prática demonstra ser fundamental.

O DSC5 vai de encontro ao artigo de Cafruni *et al.*⁸ onde alguns atletas (25%) que obtiveram destaque nas fases iniciais alcançaram o alto rendimento na idade

adulta, contrariando o pressuposto de que o alto rendimento nas idades iniciais do treinamento esportivo possa impedir o alto rendimento posterior. Por sua vez, Guenther¹² relembra em seu estudo que menos de um terço das pessoas que são consideradas talentosas em alguma área do conhecimento foram crianças precoces. Não obstante, Cafruni *et al.*⁸ dividiu seu estudo em três fases do treinamento “tenístico” masculino, as quais são: primeira etapa (6 a 12 anos); segunda etapa 13 a 15 anos e terceira etapa 16 a 18 anos. De acordo com o mesmo autor 68,8% dos tenistas coletados apresentaram sucesso na primeira etapa do treinamento. Vale ressaltar que, a definição de sucesso citada acima refere-se ao fato de estar entre os dez primeiros colocados no ranking nacional. Prosseguindo, (87,5%) dos tenistas coletados apresentaram sucesso na segunda e terceira fase do treinamento. Tais resultados se mostram interessantes, ao fato de que o presente estudo não demonstra qual era a posição dos tenistas profissionais nas etapas anteriores, necessitando ainda de dados empíricos que nos permitam uma maior compreensão da problemática. Contudo, Balbinotti *et al.*³ relatam em seu estudo com tenistas infanto-juvenis a similaridade dos treinos técnicos entre atletas ranqueados e não ranqueados, sugerindo que os atletas melhores ranqueados tenham obtido sucesso devido ao fato de melhor absorver o estímulo que lhe foi dado; e não devido a um planejamento sistemático por parte dos responsáveis pelo treinamento^{5,15}.

Desta maneira, os resultados obtidos vão de encontro aos estudos acima discutidos, no qual podemos notar que o talento em sua maioria não apresentou destaque inicial, passando por um processo gradativo e duradouro onde o prazer pela prática se mostrou determinante no êxito posterior. Portanto, tais dados ressaltam a idéia de que o processo de detecção e seleção de talentos esportivos deve ser cada vez mais inclusivo^{2,4,5,7,8,10,13,15}, onde o imediatismo ou resultados atuais podem não ser fidedignos ao fato de representar o alcance do rendimento na fase adulta. Logo, o papel dos treinadores é de extrema importância neste processo, uma vez que, a observação e orientação adequada destes poderão resultar no sucesso posterior.

Não obstante, conforme a tabela 4, os tenistas atribuíram a trabalho, prática e treinamento (60%); forças de apoio (40%) e Deus, dom (40%) o grande diferencial para o talento no tênis.

Desta maneira, o DSC1 (trabalho, prática e treinamento) demonstra que os tenistas enfatizam que seus respectivos talentos vêm da combinação de muito trabalho, prática e treinamento, enfatizando fatores como muita determinação, trabalho duro e sacrifício. Tal discurso vai ao encontro do discurso realizado por judocas olímpicos¹⁵ no qual tal autor ressalta que, tal determinação é gerada por fatores intrínsecos de obstinação e resiliência para superar as dificuldades e os obstáculos relacionados ao processo de treinamento e competições. Sendo assim, a determinação dos tenistas se aproxima de alguns referenciais^{11,15,18} que apontam que a capacidade inata, a ânsia para trabalhar e o poder adequado de fazer muito trabalho laborioso são fundamentais para a manifestação do talento.

Em relação ao DSC2 nota-se mais uma vez a presença das forças de apoio (família, técnico) e sua influência positiva sobre o desenvolvimento do talento esportivo¹⁵.

Por sua vez, o DSC3 (Deus, dom) atribui constantemente o fato de ser talentoso a questões divinas ou simplesmente ao fato de nascer com o dom. Entretanto, estudos demonstram que o simples fato de possuir um “dom” não assegura a manifestação do talento posterior, no qual não só a quantidade de dom inicial deve ser considerada, mas também o que cada pessoa faz do mesmo^{11,12,15}. Ademais, um dom natural que não é aperfeiçoado durante a vida pode ser desperdiçado¹⁵.

Desta maneira, os resultados obtidos vão de encontro aos estudos acima citados, no qual um arsenal diversificado de oportunidades do meio se apresenta como necessário para que o sujeito, caso tenha motivação para tanto, possa se aproximar, descobrir e expressar suas capacidades e até o talento.

Conclusões

O presente estudo alcançou ao decorrer deste, os objetivos propostos em seu início.

Portanto, em relação às características observadas na análise do processo de desenvolvimento de tenistas brasileiros talentosos, mesmo ausente de um modelo nacional sistemático e consistente de desenvolvimento do talento esportivo, foi possível verificar que os clubes aparecem como microssistemas capazes de gerar um ambiente favorável para o desenvolvimento do talento no tênis. No que se diz respeito aos aspectos psicossociais, o presente estudo corrobora com a literatura, no qual fatores como o apoio da família, o gosto pela prática, a determinação dos tenistas, o trabalho de longo prazo e a prática deliberada exerceram papel fundamental no processo de desenvolvimento do tenista brasileiro talentoso.

Referências

1. Albuquerque PA, Farinatti PTV. Desenvolvimento e validação de um novo sistema de seleção de talentos para a ginástica olímpica feminina: a Bateria PDGO. **Rev bras med esporte** 2007;13:16-24.
2. Balbinotti M, Balbinotti C, Marques A, Gaya A. Estudo descritivo do inventário do treino técnico-desportivo do tenista: resultados parciais segundo o sexo. **Revista portuguesa de ciências do desporto** 2003;3:7-17.
3. Balbinotti M. O treino técnico-desportivo de jovens tenistas brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 2004;26:51-72.
4. Bergamo VR. Estabilidade: aspecto significativo na previsão do talento no basquetebol feminino. **R. bras. Ci. e Mov** 2004;12:51-56.
5. Böhme MTS. A contribuição do curso de Pós-graduação em Educação Física da Escola de Educação Física e Esporte no desenvolvimento da linha de pesquisa em Esporte infanto-juvenil, Treinamento a longo prazo e Talento esportivo. **Revista brasileira de educação física e esporte** 2007;21:115-130.
6. Böhme MTS. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **R. bras. Ci. e Mov** 2007;15:119-126.
7. Brito N, Fonseca A, Rolim R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. **Revista portuguesa de ciências do desporto** 2004;4:17-28.
8. Cafruni C, Marques A, Gaya A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista portuguesa de ciências do desporto** 2006;6:55-64.
9. Coutinho C. **Sucesso no tênis: A Ciência por trás dos resultados**. 1. Ed. Lisboa: Autor e Ard-Cor; 2008.
10. Colantonio E. Detecção, Seleção e Promoção de Talento Esportivo: Considerações sobre a natação. **R. bras. Ci. e Mov** 2007;15:127-135.
11. Csikszentmihalyi K, Rathunde K, Whalen S. **Talented teenagers: The roots of success and failure**. United States: Cambridge University, 1997.
12. Guenther ZC. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda; 2000.
13. Hebbelinck M. Identificação e desenvolvimento de talentos no esporte: relatos cineantropométricos. **R. bras. Ci. e Mov** 1989;4:46-62.
14. Lefèvre F, Lefèvre AMC. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul, RS: Educs; 2003.
15. Massa M. Desenvolvimento de judocas brasileiros talentosos. Tese (Doutorado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte da USP; 2006.
16. Nunes JA, Aoki MS, Altinari LR, Petroski EL, Júnior DR, Montagner PC. Parâmetros antropométricos e indicadores de desempenho em atletas da seleção brasileira feminina de basquetebol. **Revista brasileira de cineantropometria e desempenho humano** 2009;11:67-72.
17. Silva LRR, Böhme MTS, Uezu R, Massa M. A utilização de variáveis cineantropométricas no processo de detecção, seleção e promoção de talentos no voleibol. **R. bras. Ci. e Mov** 2003;11:69-76.
18. Silva ML, Rúbio K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista portuguesa de ciências do desporto** 2003;3: 69-76.
19. Uezu R, Paes FO, Böhme MTS, Massa M. Características discriminantes de jovens atletas de handebol do sexo masculino. **Revista Brasileira de cineantropometria e desempenho humano** 2008;10: 330-334.
20. Vasconcellos DIC, Andrade A, Lima MBN, Viana RPMS. Determinantes na transição de carreira no tênis: o caminho para o circuito profissional. **Efdeportes.com** [periódico on line]. 2006; 10. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd91/tenis.htm>.